

Guia para estudantes
Reflexões e práticas sobre
violência e convivência escolar

FAÇA VOCÊ MESMO!



FLACSO
BRASIL



BID

Banco Interamericano
de Desenvolvimento

@ edições FLACSO Brasil

Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
Banco Interamericano de Desenvolvimento

PRODUÇÃO EDITORIAL

Autoras

Miriam Abramovay (Coordenadora)
Ana Paula da Silva
Eleonora Figueiredo

Assistente de pesquisa

Alenicia de França Sousa

Revisão: Margareth Doher

Ilustração e design gráfico: Estúdio Capima

ABRAMOVAY, Miriam. Coord.

Guia para estudantes: reflexões e práticas sobre violência e convivência escolar: faça você mesmo! / Miriam Abramovay, Ana Paula da Silva, Eleonora Figueiredo. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, BID, 2018. 93p.

ISBN: 978-85-60379-48-4

Edição: 1

Ano de Edição: 2018

Local de edição: Rio de Janeiro

1 – Sociologia da Educação. 2 – Violência nas escolas. 3 - Escola. 4 – Convivência escolar. I – FLACSO – Brasil. II – BID.

EQUIPE RESPONSÁVEL

COORDENAÇÃO

Miriam Abramovay

AUTORES

Miriam Abramovay
Ana Paula da Silva
Eleonora Figueiredo

EQUIPE DE CAMPO

Fortaleza/CE

Miriam Abramovay
Ana Paula da Silva
Érica Maria Santiago
Sara Lopes
Ticiania Santiago de Sá

Educomunicação

Francisco Rones Costa Maciel
Cristhyana Francisca Antônia de Abreu Bernardo
Ricardo Henrique Gonzaga Raulino
José Augustiano Xavier dos Santos

Porto Alegre/RS

Miriam Abramovay
Eleonora Figueiredo
Paula Fabiana Pinheiro
André Luís Leite

Educomunicação

Rui Antonio de Souza

ASSISTENTE DE PESQUISA

Alenicia de França Sousa

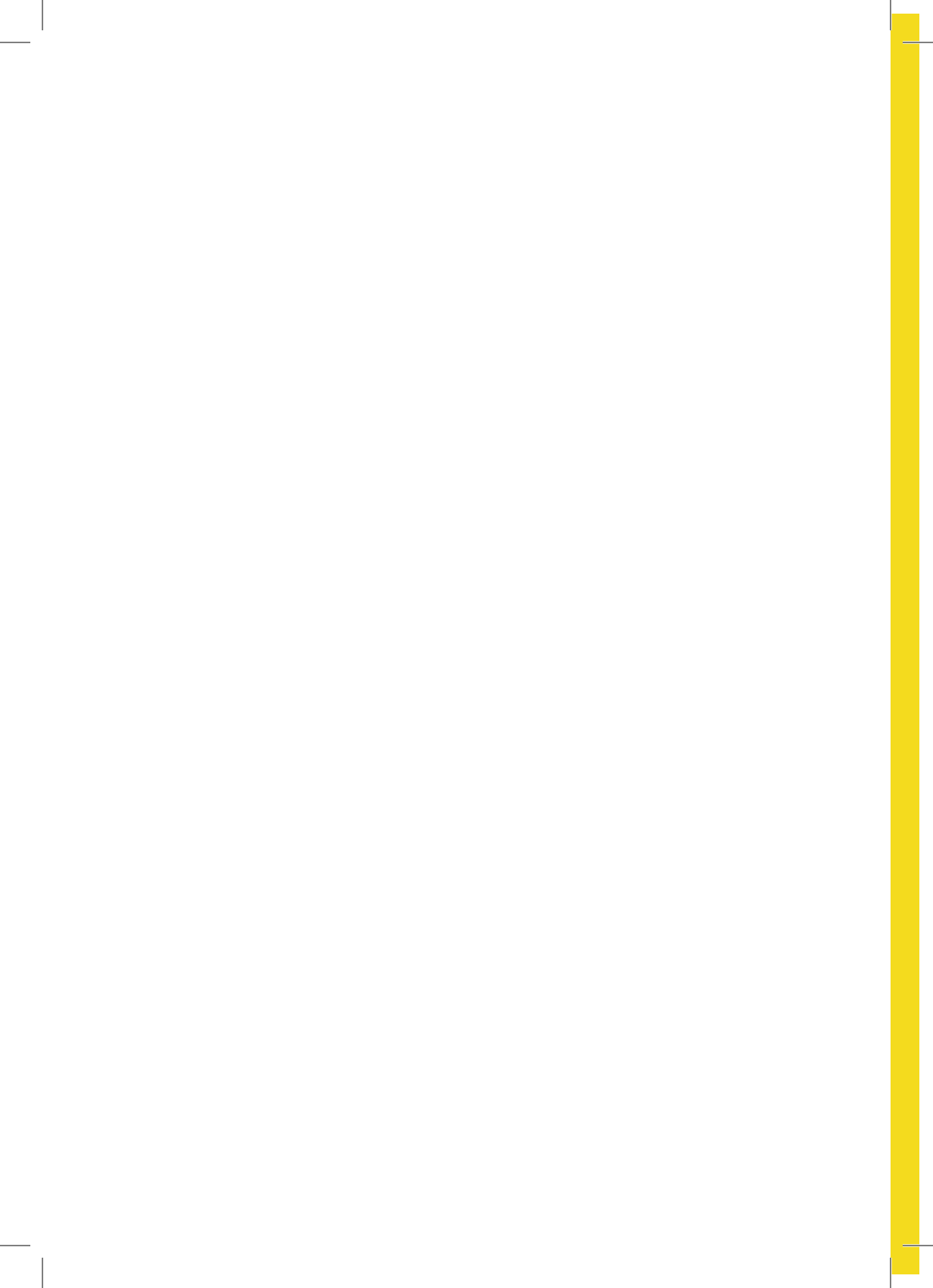
REVISÃO

Margareth Doher

ILUSTRAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Estúdio Capima





ADVERTÊNCIA

No intuito de usar a linguagem inclusiva de gênero e preservar a fluidez da leitura evitando a sobrecarga gráfica, optou-se pelo emprego do masculino genérico, quando não especificada a diferenciação de gênero.

Começou muito cedo. Eu não entendia. Quando passei a voltar sozinho da escola, percebi esses movimentos. Primeiro com os moleques do colégio particular que ficava na esquina da rua da minha escola. Eles tremiam quando meu bonde passava. Era estranho, até engraçado, porque meus amigos e eu, na própria escola, não metíamos medo em ninguém. Muito pelo contrário, vivíamos fugindo dos moleques maiores, mais fortes, mais corajosos e violentos. Andando pelas ruas da Gávea, de uniforme escolar, me sentia um desses moleques que me intimidavam na sala de aula. Principalmente quando passavam na frente do colégio particular, ou quando uma velha segurava a bolsa e atravessava a rua para não topar comigo.

Sol na cabeça, Giovani Martins



Sumário

1. APRESENTAÇÃO 5
 2. SOBRE O PROGRAMA “O PAPEL DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS AFETADOS PELA VIOLÊNCIA E OUTROS RISCOS NO CEARÁ E NO RIO GRANDE DO SUL” 7
 3. JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO 19
 4. VIOLÊNCIAS E CONVIVÊNCIA ESCOLAR 27
 5. ATIVIDADES QUE PODEM COLABORAR PARA UM PROGRAMA DE CONVIVÊNCIA ESCOLAR 39
- BIBLIOGRAFIA 86



APRESENTAÇÃO

Várias pesquisas realizadas durante os últimos anos mostraram que o fenômeno das violências é detectado na maioria das unidades escolares dos Estados e Municípios do Brasil, problema que se repete em toda a América Latina, o que nos levou a executar a tarefa de desenvolver um programa sobre o tema.

Neste sentido, esta

publicação é fruto de dois anos de experiências do Programa “O papel da educação para jovens afetados pela violência e outros riscos no Ceará e no Rio Grande do Sul” realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso Brasil) em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Buscamos ao longo deste processo abranger os principais temas da contemporaneidade ligados às violências e convivência nas escolas, através de uma perspectiva reflexiva e prática que poderá contribuir para reflexões e enfrentamentos aos vários problemas existentes.

Neste período, 2016-2017, foram realizadas pesquisas, capacitações teó-

rico-práticas e debates a partir de um conjunto de ideias e pressupostos sobre violência e convivência escolar incorporando diagnósticos participativos com professores, estudantes e diretores, permitindo a construção de um consistente banco de dados.

Os resultados serviram de subsídio e fonte de informações estratégicas para um amplo, democrático e sistêmico programa desenhado a partir de um Plano de Ação que orientou o trabalho de estudantes ao longo de 2017.

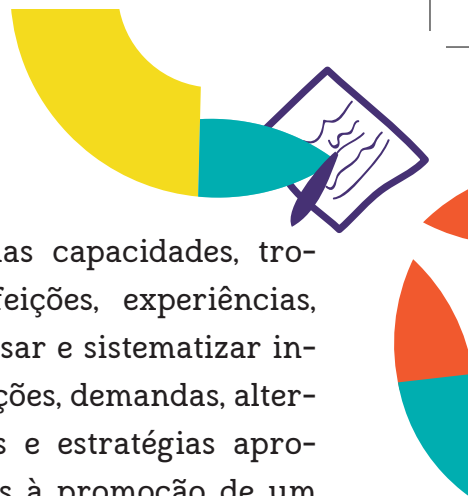
Nessa metodologia emancipatória de planejamento, organização e participação, os jovens tiveram a oportunidade de desenvol-

ver suas capacidades, trocar afeições, experiências, expressar e sistematizar informações, demandas, alternativas e estratégias apropriadas à promoção de um melhor clima escolar.

Desse modo, esperamos que este Guia possa colaborar e contribuir com os adolescentes e jovens em suas ações e debates cotidianos.

Pretendemos que subsidie metodologias de trabalhos daqueles que querem transformar sua prática de forma crítica e criativa, participativa e democrática.

A importância desta publicação se dá na medida em que sintetiza e traduz o





Programa com textos acessíveis e algumas propostas pedagógicas vivenciadas e transcritas pela equipe da Flacso em campo.

O Guia está dividido em cinco capítulos, que abordam o Programa implementado nas escolas e temas como juventude e participação, violências e convivência escolar. A publicação também contempla conteúdos práticos de como trabalhar os temas das violências e convivência nas escolas.

Espera-se que este material seja apropriado pelos estudantes e adaptado, utilizado e multiplicado.

SOBRE O PROGRAMA “O PAPEL DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS AFETADOS PELA VIOLÊNCIA E OUTROS RISCOS NO CEARÁ E NO RIO GRANDE DO SUL”

As instituições educacionais vêm sendo acometidas e sofrendo dificuldades em prevenir e solucionar questões relacionadas a violências e convivência que ameaçam o cotidiano escolar. Através de diagnósticos onde se analisou os resultados de *surveys* e a palavra dos estudantes, professores, direção e pais/responsáveis foi possível

elaborar um modelo estratégico de intervenção envolvendo a comunidade escolar tendo como ator fundamental o jovem estudante. Esta foi uma proposta da parceria BID/Flacso Brasil pautada nos trabalhos que a instituição Flacso Brasil vem acumulando sobre violência e convivência escolar.

Nesse sentido, o Programa “O papel da educação para jovens afetados pela violência e outros riscos no Ceará e no Rio Grande do Sul” foi desenvolvido entre 2016 e 2017 tendo como ponto de partida o envolvimento de alunos, professores e direção, a fim de identificar tanto os **riscos** que enfrentam os jovens, quanto os fatores de proteção existentes na escola, na comunidade e na família. Assim, este trabalho foi realizado através de pesquisas qualitativas e **surveys** com o propósito de apoiar as escolas na implementação de estratégias que pudessem contribuir para a redução

Os fatores de risco podem ser condições, comportamentos ou situações de ordens diversas, sejam econômicas, sociais, culturais, políticas ou psicológicas, advindas por ações externas ou características internas, que interfiram negativamente no desenvolvimento humano (LIBÓRIO E CASTRO, 2009, p. 189).

Método de pesquisa quantitativa utilizando, normalmente, um questionário, para a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas indicado como representante de uma população alvo.

da violência escolar, melhorar a convivência, o desempenho de alunos e desenvolver competências relevantes em suas vidas.

Foram obtidas informações através das pesquisas junto aos atores das escolas estudantes, professores, direção, coordenação e pais/responsáveis sobre a realidade, e a partir dos resultados, refletir com a comunidade escolar sobre riscos, fatores de proteção, relações sociais, dentre outros, com a perspectiva de mitigar as violências existentes que prejudicam o clima escolar e, não raro, causam repetência, abandono e evasão. O Programa também buscou estudar as percepções que o próprio jovem tinha da sua escola e sua rea-

lidade, onde se mostraram sentidos e inquietações sobre várias situações vividas.

Ressaltou-se a importância de discutir a escola como lugar possível de aprendizagem e criação, resgatando seu compromisso social com a participação dos adolescentes e jovens por uma sociedade mais justa.

Neste sentido, o Programa aprofundou e buscou entender melhor a relação entre a violência, a condição socioeconômica, a exclusão social na comunidade e a exclusão escolar a fim de compreender como a escola pode contribuir para a prevenção da violência e da vitimização de adolescentes e jovens. O Progra-

ma pretendeu ainda, contribuir para aumentar os níveis de **resiliência** através de atividades formativas e práticas dentro das escolas, e que essas fossem capazes de cooperar para a superação das adversidades que os jovens enfrentam diariamente, assim como melhorar suas relações sociais e níveis de escolaridade.

Este Programa teve como propósito primeiro a participação efetiva dos estudantes, sob orientação de professores e apoio da direção, onde passaram a discutir e refletir sobre os temas como violências nas escolas, como se dão as relações sociais, fatores de risco e de proteção existentes, racismo, homofobia, cuidado com o patrimônio público etc., os quais foram imprescindíveis para o desenvolvimento do trabalho, além de conhecer a subjetividade, os avanços, as frustrações, alegrias e as possibilidades de mudança. Com isso, os adolescentes e jovens pude-

Resiliência é um processo dinâmico, mutável que envolve a dimensão social e psíquica, associada a possibilidade de enfrentamento e superação de adversidade. São ações que buscam mudanças positivas. (ASSIS, et al, 2008). Resiliência é a capacidade de um indivíduo, uma família ou um grupo social de se recuperar e se reconstruir de adversidades, violências, enfrentando-as, sendo transformado por elas e superando-as.

ram colocar em palavras, interpretar e teorizar sobre a sua vivência, através da experiência como “escritores da realidade”, fazendo observações e entrevistas.

Ferramenta de gestão utilizada para fazer um planejamento de trabalho necessário para a concretização de objetivos, alcance de um resultado desejado ou resolução de problemas. Link: <http://materiais.treasy.com.br/typ-planejamento-estrategico-e-orcamento-sem-complicacoes-treasy-desk14>

A estratégia de mudança se iniciou após coleta e análise dos resultados das pesquisas qualitativas e quantitativas e da elaboração de um Plano de Ação geral contendo as principais demandas diagnosticadas. O Plano de Ação foi discutido com os estudantes e professores participantes do Programa em cada escola e reelaborado por estes sujeitos, identificando as demandas específicas e iniciativas a serem desenvolvidas para melhorar a convivência escolar. Este instrumento auxiliou a equipe da Flacso Brasil no planejamento, acompanhamento e avaliação das várias ações realizadas no decorrer da implantação e implementação do mesmo.

A efetiva participação dos jovens se deu através: 1) da sua iniciação científica onde tornaram-se pesquisadores da sua própria realidade a partir de um Diagnóstico Participativo¹; 2) da elaboração e implantação de um plano de ação² na escola para melhoria do clima escolar e redução das várias violências identificadas; 3) da produção de conteúdos críticos de informação e comunicação através das oficinas de **educomunicação**.

A execução deste trabalho através do plano de ação elaborado pelos estudantes contou com estratégias que possibilitou a criação de relações sociais mais positivas, prazerosas, prevenindo e até mesmo mitigando situações geradoras de violência e, assim, favorecendo a me-

1 Guia do Diagnóstico Participativo, Flacso-Brasil. Disponível em: <www.flacso.org.br/files/2015/08/Guia-do-Diagnostico-Participativo.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2018.

2 A implementação e desenvolvimento do Plano de Ação ficaram sob a supervisão dos professores mediadores de cada uma das escolas.

Educomunicação ou Educom é um campo teórico-prático que propõe uma intervenção a partir de algumas linhas básicas como: educação para a mídia; uso das mídias na educação; produção de conteúdos educativos; produção colaborativa de conteúdos utilizando diversas linguagens e instrumentos de expressão; arte e comunicação. Como o próprio nome sugere, é o encontro da educação com a comunicação, multimídia, colaborativa e interdisciplinar. Exemplos de educomunicação são o uso de fotografias, produção de notícias para veiculação em mídias livres, vídeos, fanzines, jornal mural rádio escola, *blogs*, *videogames*, *softwares* de aprendizagem *online* etc., ampliando o acesso à cultura e à informação de maneira crítica e autônoma.

lhoria do clima escolar, a saber:

- estudantes que passaram a dialogar e se posicionar melhor junto à direção;
- conseguiram desenvolver projetos na escola onde propuseram mudanças e as executaram como limpeza nas áreas comuns da escola, grafite no muro interno, abaixo-assinado para cobrar de órgãos competentes iluminação nos arredores da escola, consulta aos estudantes sobre o uso do uniforme ou crachá para segurança, ajuda na distribuição da merenda, entre outros;
- maior possibilidade de diálogo intergeracional;
- passaram a ser referência positiva na escola;
- tiveram um melhor relacionamento entre seus pares e com seus professores, além dos ganhos pessoais como superação da timidez; maior autoestima; crescimento pessoal; mais autonomia; visão diferenciada sobre a escola; o sentimento de importância do ambiente escolar e de pertença à instituição.

A seguir uma visão geral de como se deu o desenvolvimento do Programa nas escolas.

PASSO A PASSO DO DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA PELA EQUIPE FLACSO BRASIL

1. Seminário de apresentação do Programa e equipe.
2. Pesquisa de vitimização na escola e sobre o entorno (probabilística-*survey-ex-ante*) realizado nas 50 escolas (25 em Fortaleza e 25 em Porto Alegre).
3. Grupos focais com alunos, professores, gestão e pais/responsáveis realizado em 10 escolas (5 em Fortaleza e 5 em Porto Alegre).
4. Seminário de devolução dos resultados para as escolas e o conjunto delas para as Secretarias, distribuição de materiais e instrumentos para as escolas do Programa.
5. Formação de professores e estudantes com temas sobre: “Juventudes no Brasil **hoje**”; “Violências nas **escolas**”; “Diagnóstico **Participativo**”. Apresentação da proposta de educomunicação.

<http://flacso.org.br/files/2015/08/Ser-Jovem-Hoje-no-Brasil.pdf>

<http://flacso.org.br/?publication=violencias-nas-escolas-programa-de-prevencao-a-violencia-nas-escolas>

<http://flacso.org.br/?publication=programa-de-prevencao-a-violencia-nas-escolas-documentos-de-referencia>

6. Elaboração do Plano de Ação em cada uma das 10 escolas (5 em Fortaleza e 5 em Porto Alegre).

7. Acompanhamento e avaliação do trabalho de campo através do Plano de Ação de cada escola - intervenções realizadas pelos estudantes sob orientação dos professores para melhoria do clima escolar e diminuição das violências.

7.1 Diagnóstico e Planejamento Participativo: observações e entrevistas com a comunidade escolar e seu entorno.

7.2 Educomunicação: oficinas que utilizam os meios de comunicação e as novas tecnologias para se discutir comunicação crítica e comprometida com os direitos humanos.

8. Encontro de integração entre as escolas socialização das atividades realizadas e troca de experiências.

9. Aplicação dos relatórios Marco Zero, Processual, monitoramento e Relatório final.

10. Avaliação de impacto através da pesquisa de vitimização na escola e sobre o entorno (probabilística-*survey-ex-post*) e realização de grupos focais.

11. Seminário de devolução dos resultados finais para as escolas e para a Secretaria.

RESULTADOS DAS PESQUISAS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS (LINHA DE BASE 2016 E LINHA FINAL 2

Muitos dos problemas apontados pelos estudantes são semelhantes nos Estados pesquisados: os jovens afirmam que sentem falta de serem ouvidos e de dialogarem com os adultos, que deveriam considerá-los como atores fundamentais no processo ensino-aprendizagem. Apontam ainda a dificuldade de viver em uma sociedade violenta e conservadora e discriminatória em relação a questões de gênero, orientação sexual, raça/cor etc.

Chamou a atenção o sentimento de infelicidade de muitos jovens, levando-os à automutilação e tentativas de suicídio em uma sociedade que não os escuta diante da dificuldade no enfrentamento dos seus problemas do cotidiano. Sobre seu futuro, muitos querem fazer uma faculdade, ter uma profissão e alguns refletem sobre a situação do Brasil e a vontade de estudar e de trabalhar em outro país.



Sentiram-se discriminados pelo lugar onde moram e quando realizaram entrevistas de emprego experienciaram a exclusão social por serem pobres e morarem em áreas periféricas. No entanto, houve também depoimentos sobre alegria, diversão, amizades, crença no futuro, mostrando-se resilientes, dando continuidade a sua vida e a sua escolaridade.

Apontaram que nas escolas há fatores de risco relacionados à discriminação, discriminação de gênero, vários tipos de violência, homofobia, racismo, ameaças, agressões verbais e físicas, furtos e roubos, *cyberbullying*, entre outros, relatando ainda que a escola não discute estes temas.

A relação com os professores apesar de serem figuras centrais em suas vidas, nem sempre é positiva. Há agressividade por parte dos alunos para com alguns professores e dos professores com os alunos que se sentem humilhados e desestimulados. Há também críticas quanto à falta de professores para determinadas disciplinas. E aulas que são consideradas repetitivas e



aborrecidas. Queixam-se de questões relacionadas à merenda, à infraestrutura precária, assim como de depredações e vandalismo. As regras são indicadas como rígidas e sem sentido, e alguns alunos têm dificuldade de conciliar estudo e trabalho.

Vale também evidenciar os fatores de proteção, como por exemplo, a relação com os professores considerados amigos, que conversam e que ensinam bem; o ensino que é visto por alguns como de boa qualidade; a importância de relações positivas com os seus pares.

Algumas famílias foram apontadas como pre-conceituosas e por manterem uma relação difícil, de

brigas e agressões com os seus filhos, havendo relatos de violência doméstica. O alcoolismo é citado, assim como, em alguns casos, o uso de drogas ilícitas no ambiente doméstico.

Nos arredores foram relatados assaltos, roubos de celulares, mortes, estupros e assédios, tráfico de drogas, rivalidade entre facções, trocas de tiros entre polícia e traficantes e problemas de mobilidade entre os moradores de localidades diferentes por brigas entre facções. A polícia é percebida como agressiva e abusiva. Apontaram também a falta de projetos sociais, de cultura e de lazer, embora em algumas comunidades existam praças, festas, igrejas que servem como proteção

diante das violências existentes.

Esses dados obtidos nos levaram a eleger três temas que podem melhor embasar o desenvolvimento de um projeto de convivência e diminuição das violências nas escolas. Dado que se trata de uma proposta inovadora, com estudantes adolescentes e jovens, nada mais pertinente do que trabalhar temas sobre gestão democrática, juventude e participação, violências e convivência escolar

JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO

Para Abramovay e Gil Esteves (2007), “a realidade social demonstra, no entanto, que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis”. Diante disso, optamos por utilizar o termo no plural agregando assim a diversidade juvenil existente.

As **juventudes** de hoje não são iguais as de gerações passadas já que vivem em outra fase e em outros contextos. As mudanças tecnológicas, especialmente o *boom* da internet, representam fator significativo para a transformação dos meios e espaços de relacionamento. As maneiras de aprender e ensinar, assim como modificaram as formas

de engajamento e práticas políticas das juventudes em uma participação híbrida entre o *online* (redes) e o *off-line* (ruas), estabelece formas de comunicação e participação de grande originalidade e em uma nova escala.

Os espaços participativos e sua experimentação são por natureza educativos e formativos. Logo, uma experiência importante na vida dos jovens por permitir



a vivência nos processos de ação coletiva, aprendizado da alteridade e de posicionamento frente às questões voltadas para mudanças, uma vez que essa dimensão educativa e formativa da participação pode propiciar o desenvolvimento de habilidades discursivas, de convivência, de respeito às diferenças, de liderança etc.

Os jovens tendem a se afastar de práticas que não refletem as suas vivências, desconsiderando as burocracias convencionais de instituições, criando um ritmo particular, dinâmica e organização própria, o que pode explicar o distanciamento dos estudantes no exercício participativo na medida em que existe uma lógica da escola e uma lógi-

ca da juventude. A existência dessas duas lógicas, onde a escola possui estrutura rígida dos tempos, funcionamento tradicional hierárquico e a centralização do poder no adulto (DAYRELL, 2007) faz com que a instituição escolar se distancie dos seus princípios de formação social e se mantenha em um diálogo distante com seus alunos.

A escola ao impor seu ritmo e seus padrões, não leva em conta a diversidade de referências culturais e as múltiplas identidades inerentes às juventudes e até contradições existentes enxergando-os somente como alunos. Tende a uma visão reducionista da juventude. Desconsidera, portanto, a cultura juvenil, cuja carac-

terística é dinâmica e diversa.

Esse descompasso entre cultura escolar e cultura juvenil se baseia em uma violência de cunho institucional fundamentada na inadequação de diversos aspectos que constituem o cotidiano da escola, entre eles a organização da escola, o planejamento, o espaço, o sistema de normas e regras; as formas de convivência, em relação às características, expectativas e demandas dos alunos, o que gera uma tensão no relacionamento entre os atores sociais que convivem no ambiente escolar.

Ressignificar a educação brasileira implica em considerar a participação

juvenil como uma das forças motrizes da educação. É preciso que os adultos da escola busquem compreender o que é ser jovem hoje, adotem novas formas de escuta, inclusive para contemplar os estudantes menos participativos ou com dificuldade de comunicação e expressão, que também têm o que dizer. Participação não é sinônimo do que é considerado o “bom aluno” - aqueles com boas notas, dedicados, disciplinados, e com “liderança positiva”. Há que se conhecer e reconhecer também o contexto individual, as competências e habilidades do chamado “mau aluno” para saber lidar e extrair suas potencialidades e educar para a vida a partir da realidade de uma

juventude diversa, plural e “transgressora” por natureza.

O processo, no entanto, exige que gestores e demais educadores reconheçam os estudantes igualmente como detentores de conhecimentos e aproveitem esses saberes em favor da atualização das práticas pedagógicas. Implica também em abrir espaço para que os alunos sejam ouvidos e envolvidos na construção de soluções para os problemas que comprometem a qualidade do sistema educacional.

É fato as condições adversas da docência, o desmonte/sucateamento de algumas escolas, os problemas relacionados à aprendiza-

gem, repetência e evasão escolar, e a expectativa de que a escola possa contribuir para que seus alunos ampliem seu capital social e cultural. Mas, para Carrano (2017), a escola deve se interessar em conhecer a trajetória extraescolar de seus alunos e escutá-los de forma atenta -escuta ativa -, enxergando-os como sujeito cultural completo, pois esta instituição continua sendo o principal espaço de perspectiva para a mobilidade social e a socialização dos jovens. É importante considerar também que ela não é exclusiva na educação desses, já que as formas do saber estão nos mais variados espaços de convívio social que possibilitam formação de uma identidade multi-

facetada (MELUCCI, 2001, 2004).

A participação é geradora de sentimento de pertencimento e motivação, oportunizando melhoria nas relações sociais na escola e contribuindo para o surgimento de habilidades e potenciais provocadores, assim como inovações e elaboração do conhecimento que resultam positivamente no próprio desenvolvimento dos estudantes.

A escola deveria estar atenta às formas pelas quais os jovens vêm imprimindo a sua participação no mundo de hoje - movimentos secundaristas de ocupação, movimentos de rua à mobilização e exposição na internet. As juventudes desejam novas

formas de organização e discussão, buscam construções mais horizontais de políticas e pautas. Um melhor aproveitamento pela avidez, vontade de inovação e participação, compreendendo e valorizando as diferenças significativas de classe, raça/cor, orientação sexual, locais de moradia e outras experiências diversas.

É neste cenário que cresce o contingente dos grupos juvenis e coletivos advindos da cultura, da comunicação, das artes em geral, dos vários movimentos. Em todas essas manifestações, a bandeira que parece ser comum é a defesa do direito à participação. A falta de equipamentos e espaços para a produção artística nas escolas e em suas comu-

nidades tem levado a um tipo de “transgressão” modulado a partir da realização de saraus³, *slam* de poesias⁴, coletivos de mídia livre⁵ ou de midiativismo⁶, grupos de

3 Mapeamento de saraus da região metropolitana do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://mufaproducoes.com/mapeamento-de-saraus-rj/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

Mapa dos saraus de São Paulo: a literatura espalhada pela cidade. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/mapa/mapa-dos-saraus-de-sp/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

4 Slam das minas SP. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/SlamdasMinasSP/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

Slam Laje Complexo do Alemão. Disponível em: <<https://www.facebook.com/batalhadepoesia/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

5 Coletivo Voz da Baixada organizado por jovens moradores da Baixada Fluminense/RJ. Disponível em: <www.vozdabaixada.com.br>, <<https://www.facebook.com/vozda-baixada/>>. Acesso em: 20 mar. 2018. Jornalistas livres. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

6 Coletivo Papo Reto de comunicação independente. Disponível em: <<https://facebook.com/ColetivoPapo-Reto/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

classe⁷, entre outros.

Assistimos nas últimas décadas, tanto nos centros urbanos quanto nas periferias, a crescente onda de políticas coletivas. Os jovens perceberam que a atuação no campo da cultura pode diminuir as violências sofridas em suas vidas e em seus territórios. A cultura passa a ser uma ferramenta de articulação, organização e inserção social, vinculada a um projeto coletivo para uma sociedade mais justa e

⁷ Blogueiras negras. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.
Tambores de Safo: grupo de mulheres lésbicas e bissexuais para o empoderamento e pensamento crítico através da música e da cultura. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/batucadatamboresdesafo/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 21 mar. 2018.
Camtra: casa da mulher trabalhadora. Disponível em: <<http://www.camtra.org.br/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

solidária.

Mesmo diante deste cenário de novos rearranjos das juventudes nas redes e nas ruas, a instituição escolar se mostra distante, ainda que o movimento de ocupação das escolas direcionasse o caminho: inclusão de novos temas no currículo como racismo, homofobia, entre outros; discussão de normas e regras de forma horizontal; reivindicações por melhor infraestrutura aos governos; mobilização de melhorias possíveis, como limpeza dos espaços comuns, pintura etc.; além da participação efetiva dos estudantes na escola. A inquietude natural e própria do ser jovem é o que move a sua participação.

Saiba mais:

A discussão sobre a participação de adolescentes e jovens é amparada por leis contidas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Estatuto da Juventude:



http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm



<http://www.juventude.gov.br/estatuto>



O Grêmio Estudantil (Lei nº 7.398/85), por sua vez, é um recurso que também garante a participação dos jovens na escola, assim como o Conselho Escolar (Lei nº 9.394/96) através do qual os estudantes podem acompanhar e auxiliar o trabalho dos gestores escolares.

* ECA. Lei nº 8069/90, art. 16.

** Estatuto da Juventude. Lei nº 12.852/2013, art. 4.

VIOLÊNCIAS E CONVIVÊNCIA ESCOLAR

A convivência e a violência nas escolas são fenômenos múltiplos, multifacetados e há que considerar a localização da escola e as situações de violência das comunidades do entorno. Entretanto, o processo de convivência depende principalmente de fatores internos. Neste sentido, qualquer tipo de trabalho sobre o tema tem que ser realizado de forma aberta e não determinista.

É importante afinar o conceito de **violência escolar** mostrando que não é somente a violência dura - aquela que está no código penal, nem mesmo a violência física senão a violência do cotidiano, aquela que acontece entre alunos, adultos da escola, famílias etc., que rompe o diálogo e a capacidade de negociação.

Link do livro "Conversando sobre violência e convivência...": <http://flacso.org.br/?publication=conversando-sobre-violencia-e-convivencia-nas-escolas>

São as pequenas violências do dia a dia, as chamadas microviolências, principalmente, que prejudicam o ensino, aprendizagem e o clima escolar, impossibilitando o uso do diálogo e da comunicação não violenta. São exemplos: gestos e atos físicos (agressões, roubos), atos verbais (ameaças, insultos, humilhações), atos de comunicação não verbal (olhares, silêncios, zombarias ou isolamento do grupo), situações conflituosas e sociais (racismo, homofobia, desigualdade social, de gênero etc.) ou relacionais (conflitos nas relações face a face) e ainda, tensões, isto é, forças contrárias que prolongam uma situação até os limites além dos quais uma cisão se produz e a



tensão
cede lugar ao enfrenta-
mento (CHARLOT, 2007).

Destaca-se também a violência institucional, ou seja, quando a própria escola produz e reproduz as suas próprias violências como, por exemplo, as regras não consensuadas, com dúvida interpretação e não válidas para todos, tratamentos diferenciados para os alunos, distintas formas de punição, dentre outras.



A literatura tende a não considerar conflito como sinônimo de violência (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002). Os conflitos de visões de mundo, de interesses etc. são inerentes e necessários às relações sociais e são exatamente as controvérsias as responsáveis pela possibilidade de modificação das organizações.

Um recente Informe da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), de 2017, sobre

violência na escola recomenda a participação efetiva de crianças, adolescentes e jovens, na execução de intervenções para tornar a escola mais segura. Há recomendações quanto a tipos de intervenções que possam transformar a cultura das instituições, com uma firme posição contra a violência, incitando os professores a utilizarem métodos alternativos de disciplina e gestão. As experiências refletem como intervenções que visam impedir a violência nas escolas e a tornarem estes estabelecimentos mais seguros, são mais eficazes quando os estudantes participam do planejamento e execução. A participação dos estudantes permite promover de forma

mais eficaz mensagens que demonstrem que qualquer forma de violência é inaceitável (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002, p. 45).

O clima escolar é reflexo do que a escola é, do que ela tem na sua “essência”, tanto em relação ao trabalho desenvolvido, quanto à natureza das relações sociais estabelecidas entre estudantes, professores, funcionários, direção e famílias. As relações sociais na escola se constituem em um dos indicadores utilizados para medir e qualificar o clima escolar, o qual pode ser definido como “a qualidade do meio interno de uma organização” (FONTES, s.d. *apud*. ABRAMOVAY, 2012, p. 19).

Garcia e Delgado (2009) mostram que os problemas de convivência podem ser minimizados a partir de uma mudança no clima escolar, com maior controle da disciplina, uma melhor comunicação entre professores e alunos, diminuição do absenteísmo e uma melhora no estresse dos professores. O clima escolar incorpora também valores, normas, crenças e atitudes de uma instituição. Tem relação com a compreensão das regras e com a percepção de justiça e injustiça das mesmas.

Partimos do pressuposto que o clima escolar e a convivência são fatores determinantes para que todos os atores sociais tenham sensação de segu-

rança e de prazer no ensinar e no aprender, para que as partes envolvidas se sintam representadas, ouvidas e participantes do ambiente no qual elas convivem. Para tal, a escola deve funcionar de maneira democrática e que todos se sintam integrados, seguros e pertencentes à instituição.

A questão da segurança na escola deve incorporar, sobretudo, medidas preventivas, a partir do conhecimento sobre como se dão as violências nelas existentes para poder lidar com as mesmas. A escola pode trabalhar com algumas questões relacionadas a exclusões de ordem econômica e social, assim como estimular os jovens para que aprendam a resolver seus

conflitos de maneira não violenta. Medidas repressivas, porém dificilmente solucionarão os problemas e questões das violências nas escolas.

Para Aguado (s.d.) qualquer tipo de programa que trabalhe com a prevenção à violência depende em grande parte da qualidade das relações sociais entre aluno-aluno, aluno-professor, professor-professor, professor-direção, na medida em que, quando estas são adequadas representam uma fonte importante de apoio e motivação para a aprendizagem com profissionais que saibam ensinar, que estimulem a imaginação e a possibilidade de desenvolver um pensamento crítico e criati-

vo que sirva para o presente e o futuro.

Vários autores trabalham a relação entre clima escolar, violência e aprendizagem e concluem que um bom clima aumenta os resultados escolares e a capacidade de aprender dos alunos, independente dos fatores socioeconômicos existentes.

Para a discussão do tema violência escolar e propostas de uma melhor convivência é importante ver os jovens como atores centrais e não como fonte de problemas, mas de respostas.

Portanto, é no cotidiano que as escolas devem procurar enfren-

tar a violência a que estão sujeitas, buscando mudar para melhor. Os caminhos dessa busca são múltiplos e plurais, contendo grande riqueza de potencialidades, mas também muitas limitações. É conhecendo-os e compartilhando-os que se pode a partir deles, pensar alternativas para amplificar o esforço, na direção de um projeto de convivência que, efetivamente, provoque transformações, por seu potencial estratégico para tecer relações melhores na comunidade escolar.

São muitos os problemas encontrados, entre eles, a vida escolar é considerada monótona e sem graça por vários estudantes, como também critica-se a forma tradicional de ensino

centrada no professor em que os alunos não são “donos da palavra”. Pesquisa realizada em 2015 (ABRAMOVAY et al.) mostra o desconforto e a insatisfação sentida tanto nas relações pessoais como na forma de dar aula dos professores. Para os estudantes um bom professor deveria combinar as dimensões saber e fazer, e dentre os professores, muitos conseguem associar conhecimento com sensibilidade e civilidade para com os modos de ser jovem, respeitando de alguma forma traços da chamada cultura juvenil, que pode, em alguns momentos, parecer “desestabilizadora” de determinadas normas, mas que é crítica e reformuladora de padrões.

Na escola, o jovem, muitas vezes, é considerado somente como aluno e se perde de vista a diversidade, os parâmetros que fazem parte das modelagens das juventudes, afastando-os da cultura escolar e dessa forma se torna em si mesma fonte de discriminação, reproduzindo preconceitos, valores discriminatórios e pouco flexíveis. De fato, a cultura escolar é hierárquica e pouco sensível quanto às formas de ser, agir, falar e se comportar dos jovens, o que induz a um clima escolar negativo e relações sociais complicadas. O desânimo dos professores é outro fator que há que ser levado em conta, na medida em que seus alunos apresentam, muitas vezes,

atitudes passivas e desinteressadas e indisciplina.

A importância das relações sociais é marcante nas escolas e estas são complexas, com muitas contradições e diferentes percepções entre jovens e adultos. Trabalhar as diferenças marcantes, sem negações pode contribuir para um melhor clima escolar e uma educação de melhor qualidade.

O ambiente escolar constrói dinâmicas de interação, mas também reproduz dinâmicas preexistentes.

D a d o

que fenômenos como racismo e homofobia embora sejam de comum ocorrência são pouco ou nada discutidos pela e na escola.

O preconceito e a discriminação são fenômenos cotidianos nas escolas brasileiras. O preconceito está relacionado a uma crença preconcebida sobre indivíduos a partir de características específicas, enquanto a discriminação é uma forma de comportamento e tratamento diferenciado para pessoas dependendo de suas características, havendo ainda uma crença na inferioridade intrínseca de determinados indivíduos.

Vale destacar que na



sociedade brasileira, em que pesem nossa origem multi-étnica e nossas características socioculturais plurais, vigora ainda, uma valorização do padrão representado pelo homem branco, de classe média, heterossexual e católico, implicando a existência de comportamentos discriminatórios, baseados em critérios étnicos, de origem social, de gênero e sexualidade, entre outros.

Entende-se como racismo as barreiras que impedem a ascensão social de pessoas e grupos, devido à discriminação raça/cor, notadamente em relação à população negra, que podem gerar diversos tipos de violências, desde agressões verbais ou físicas até exclusão das atividades escolares

e convívio social.

A discriminação racial afeta subjetividades, domesticando vontades, comprometendo auto-percepções e afetando as relações sociais na escola. Considerado muitas vezes “brincadeiras” ou “coisas de jovens”, o que é assumido pelos vitimados e provoca uma autodepreciação. É o caso de meninas negras que convivem com discriminações, muitas vezes sutis, na medida em que não se adequam aos padrões dominantes de beleza eurocêntrica, principalmente relacionados à questão do cabelo, e recebem apelidos, criando um sentimento de exclusão social por parte de alunos negros.

A homofobia é um tratamento discriminatório sofrido por jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e *queers*. A prática de violências contra homossexuais é antiga, os insultos, xingamentos homofóbicos são encontrados constantemente nas escolas como forma de desprestigiar meninos e meninas que são ou que são considerados homossexuais, sejam por seus trejeitos, maneira de falar ou vestir. As violências verbais ou xingamentos reproduzem uma ordem na sociedade mostrando que há sujeitos de primeira e de segunda categoria, reforçando o sofrimento e comprometendo o futuro dos jovens.

Existe uma sexuali-

dade considerada “normal” e correta, legitimada por padrões culturais que condenam práticas não heterossexuais. O único espaço considerado legítimo da homossexualidade é o “armário” já que a desaprovação moral existente faz com que os homossexuais sejam relegados a uma espécie de vida clandestina. Quando pessoas se comportam de maneira esperada para o gênero oposto, considera-se que estão fazendo algo moralmente errado atribuindo aos próprios homossexuais a responsabilidade pelo seu sofrimento, o que trás consigo muitas formas de violência.

É importante que a escola seja um espaço seguro para todos os seus membros.

A violência em suas diversas modalidades, seja ela dura ou microviolência, tem um impacto direto na qualidade da educação. As relações sociais entre os atores, o clima escolar, as discriminações que acontecem no cotidiano, o racismo, a homofobia, a eclosão de graves conflitos e as incivilidades de várias ordens, impedem que ela cumpra a sua função.

Não se pretendeu com o Programa “O papel da educação para jovens afetados pela violência e outros riscos no Ceará e no Rio Grande do Sul” esgotar o tema violências, mas trabalhar aquelas que mais se destacaram na elaboração dos planos de ação das escolas. O que se almejou

foi propiciar a participação real e efetiva dos estudantes na implementação de atividades voltadas para a melhoria do clima escolar e redução das violências, o que demandou reflexões e ações relativas a temas pertinentes. Foi evidenciada, sobremaneira, no decorrer do Programa, a importância da qualidade nas relações sociais entre os atores da escola para o alcance de tais objetivos.

O foco central foi e será transformar “as escolas de risco” em “escolas protetoras”, capazes de lidar com os conflitos e as violências, criando base para uma escola que tenha consciência da violência como fenômeno que se constrói socialmente e, portanto, é passível de ser

evitado e desconstruído. Uma escola, por fim, que tenha no diálogo o recurso primordial dos conflitos que ela deve gerir.

Diante dos resultados positivos vivenciados, espera-se que o Programa seja inspirador e tenha continuidade em cada escola na qual gestores, demais educadores e estudantes se mobilizem para a transformação de uma escola possível vislumbrando a ressignificação da educação brasileira.

ATIVIDADES QUE PODEM COLABORAR PARA UM PROGRAMA DE CONVIVÊNCIA ESCOLAR



Apresentamos aqui algumas metodologias técnicas/práticas entendidas como importante no processo formativo de vocês estudantes, as quais foram desenvolvidas ao longo das oficinas do Programa pelos educadores⁸. A ideia é ensinar-fazendo de maneira criativa e participativa através da utilização dos recursos da educação tendo como temas de enfoque juventudes, violências e convivência escolar.

A proposta é de replicabilidade entre pares, ou seja, aluno-aluno, através de combinação prévia com a direção, coordenação e/ou um professor para que seja realizado sem problemas na sua escola, durante uma aula, recreio, no contraturno, semana cultural etc. Você pode se organizar com um grupo de colegas ou através do grêmio escolar, por exemplo. O objetivo dessas ações é contribuir para uma maior participação dos jovens, ampliando também as atividades nas salas de aula com seus professores.

8

A sistematização foi elaborada por Rones Maciel.

Para facilitar sua leitura e o trabalho em grupo com seus colegas dividimos por temáticas, linguagens, técnicas e roteiros de apoio, com algumas dicas de práticas comunicativas: fanzine, jornal mural, vídeo, rádio e fotografia. Cada ação foi pensada como oficina com uma duração média de 3 horas por encontro, mas podem ser executadas dentro do tempo disponível, de maneira a facilitar a aplicação deste material. Essas ações deverão ser acompanhadas por algum professor da escola.

1 - LINGUAGENS E TÉCNICAS

1.1 Linguagens

Impresso (fanzine, jornal mural)

Pode ser usado na escola para circular informações de interesse dos estudantes, professores, grupo gestor e família. O professor de português, assim como o de história, pode usar o mesmo recurso para estimular a turma a se expressar, melhorar a escrita, incentivar a leitura, raciocínio e integração, por necessitar de um trabalho em grupo.

Recursos: papel, revistas para recorte, cola, pincel, caneta, tesoura sem ponta, lápis, giz de cera, impressora colorida, outros.

Audiovisual

Por usar a imagem e recursos tecnológicos, chama a atenção de outros jovens. Podem ser utilizados uma câmera fotográfica ou filmadora, como também o celular com a função de vídeo. O vídeo tem um mundo de possibilidades, da produção de pequeno vídeo com uma campanha educativa, que chamamos de vinheta educativa, assim como *web série* para a internet ou vídeo documentário sobre determinado assunto, como a história da comunidade.

Recursos: celular com câmera que filma, câmera fotográfica com a função gravar, filmadora, computador, software de edição de imagem e áudio, projetor, caixa de som, outros.

Radiofônica

Este por ser usado no ambiente escolar ou comunitário com programas de entrevista, rádio teatro, debates, musicais e rádio contos. Com esta linguagem podemos usar e potencializar os recursos da oralidade, escrita, leitura, interpretação, expressão, interação, integração, imaginação, participação e outros.

Recursos: caixa de som, microfone, gravador digital,

computador, impressão de roteiros, outro.

1.2 Técnicas

Pauta

Escolhido o fato (acontecimento) é hora de buscar mais informações sobre ele. Para isso, precisamos organizar as ideias. Pensar como esse fato aconteceu, quais são as informações importantes para comunicar aos demais e ainda, quem são as pessoas (fontes) que podem nos dar as informações do acontecido. Ouvir mais de uma fonte é importante, porque assim, podemos ter mais informações e versão (olhares) desse fato.

Entrevista

Escolhido o fato (acontecimento) é hora de buscar mais informações sobre ele. Para isso, podemos fazer por meio de um questionário com perguntas importantes sobre o fato. A essa lista de perguntas chamamos de entrevista. Colher informações que você ainda não sabe e quer reportar para os demais ouvintes do seu programa. Ter um roteiro em mãos é essencial para que você não se esqueça de perguntar o que

realmente importa. Porém, não é obrigado se prender a ele. O roteiro tem função de lhe orientar.

Notícia

Notícia é toda essa quebra de rotina (acontecimento) que tem uma grande repercussão, que atinge um grupo maior, assim sendo, que possui uma relevância maior que os outros acontecimentos.

Lide (Lead):

Perguntas:

O QUE? QUEM? QUANDO? ONDE? COMO? POR QUÊ?

Enquete

Muito utilizada em pesquisa de opinião nos meios de comunicação, a enquete é uma única pergunta que pode gerar várias respostas. Existem dois modelos de enquete: a fechada e a aberta. A “fechada” limita o entrevistado a dizer somente “sim” ou “não”. Já no caso das abertas é interessante fazer uma pergunta que crie espaço para que o entrevistado possa dar sua opinião, mesmo que seja “sim” ou “não”, sempre

perguntar o “por quê” daquela resposta. Exemplos: Fechada: você é contra ou a favor da redução da maioria penal? Aberta: para você, quais são as consequências da redução da maioria penal para um adolescente?

Roteiro

Um filme não se faz só com as ideias soltas. É importante colocar as ideias no papel, pensar como será e o que você vai precisar para produzi-lo. Isso é o que chamamos de roteiro. É nele que dizemos tintim por tintim como a história será contada: quem são os personagens, onde as cenas se passarão, a fala de cada pessoa, se vai estar chovendo ou fazendo um sol de rachar. Use e abuse do roteiro. Fazer uma chuva de ideias antes e depois organizar no roteiro vai fazer com que você tenha um bom filme no final e com menos trabalho possível. Pense o filme como uma linha, com um ponto de partida e outro de chegada. Nessa linha você vai dizer como a história acontece. Feito isso, vá preenchendo com mais detalhes cada ponto da linha.

2 - COMO FAZER?

2.1 Mural Informativo (MI) / Jornal mural

Registrar fatos e eventos relevantes da sala de aula, da escola e da comunidade.

A ideia é confeccionar o jornal de maneira que possa sempre ser atualizado e afixá-lo na parede da sala/pátio, para que todos possam ler.

Objetivos

O que eu quero com esse informativo/jornal? Exemplo: trabalhar a identidade cultural da minha comunidade e região.

Público-alvo

Quem quero atingir?

Exemplo: usuários da escola e familiares.

Características

Pluralidade: diferentes públicos.

Diversidade: diferentes opiniões.

Interface com diversas áreas do conhecimento:

Literatura, música, artes, teatro, direitos, tecnologia, educação, saúde, esportes e lazer, história.

Mais características

Veículo didático.

Comunicação rápida e imediata.

Baixo custo.

Fonte de novidades.

Atinge um público pouco familiarizado com a leitura.

PASSO A PASSO

1. Crie um nome.
2. Forme equipes.
3. Defina tema ou temas.
4. Crie seções/editorias.
5. Organize a pauta.
6. Defina prazo para entrega do material (revisão).
7. Monte o MI/jornal mural.
8. Fixe em um local com circulação de pessoas e acessível a todos.
9. Crie um canal de sugestões de pautas para próxima

edição (Caixa de Sugestões).

10. Avalie o processo de produção.

2.2 Fanzine

A palavra “fanzine” surgiu da junção das palavras inglesas fanatic (fã) e magazine (revista). Essa expressão foi usada pela primeira vez em 1941 por Russ Chauvenet, para designar as publicações alternativas que surgiam nos Estados Unidos, com textos de ficção científica e curiosidades. Diferente da produção de um periódico informativo, que demanda uma grande equipe e maquinários em grande escala para impressão e reprodução, o fanzine se utiliza basicamente de recortes, escrita e desenhos para a sua ilustração. Após feito a sua montagem, basta fazer algumas cópias e distribuir na comunidade. Entenda melhor a seguir como produzir um fanzine.

PASSO A PASSO

1. Produção - Definir tema: saber sobre o que vai tratar o seu fanzine, para depois definir de que forma o tema será trabalhado. Definir conteúdo: o fanzine pode ser informativo, com entrevistas, textos e gráficos. Para isso, é necessário fazer pesquisas e conversar com pessoas. Mas você pode dar preferência a desenhos, histórias em quadrinhos e fotos.

2. Visual - Seu fanzine pode ser como uma revista, com várias páginas, ou em formatos mais simples, com uma folha de sulfite dobrada ao meio, para ser uma espécie de folheto de quatro páginas. Pode ainda ter um formato mais criativo, com dobras diferentes.

3. Diagramação - É a hora de organizar o conteúdo! Isso pode ser feito de modo artesanal, com recorte, colagem e textos escritos à mão, ou no computador, em programas de edição de imagens.

4. Reprodução - Os fanzines geralmente são xerocados em preto e branco. A ideia é que muitas pessoas tenham contato com o seu trabalho sem que você gaste muito!

5. Distribuição - Ofereça ou venda o seu fanzine a baixo custo.

2.3 Foto varal

Inspirada no hábito das lavadoras de roupa, que colocam suas peças para secar em uma corda presa com pregadores, a técnica do foto varal utiliza desse modelo para expor (pendurar) as fotos e contar uma história por meio da imagem.

PASSO A PASSO

1. Dividir a turma em equipes (de acordo com a quantidade de celulares ou câmeras).
2. Escolher o tema do ensaio fotográfico (pode ser coletivo ou por equipes).
3. Justificar o tema.
4. Perspectivas (possíveis fotos).
5. Captar as imagens.
6. selecionar e imprimir as fotos (por equipe).
7. Produzir as cartelas de fotos (fotos e legendas).
8. Montar o varal com pregadores de roupa (fixar as cartelas na corda).
9. Debater sobre o processo e as imagens captadas.
10. Deixar exposto no espaço e/ou circular por outros espaços.

2.4 *Spot* radiofônico

É uma produção curta e impactante feita com a

intenção de vender e promover uma ideia ou um produto, com duração média de 30 segundos a 1 minuto.

PASSO A PASSO

1. Que ideia ou produto se quer vender (temática, assunto).

2. Para quem (estudantes, professores, pais/responsáveis, comunidade em geral) e por quê?

3. Escolha um fundo musical adequado, que combine com a mensagem a ser gravada. De acordo com o público a ser atingido, defina o horário de veiculação do *spot*.

4. Na hora de escrever o *spot*, utilizar o esquema dos 4 Cs:

- curta: objetiva, usa frases curtas e tem duração média de 30 segundos;

- concreta: o texto do *spot* é direto e envolve o ouvinte;

- criativa: o *spot* usa recursos criativos como efeitos sonoros, músicas e uma locução adequada ao texto;

- completa: tem começo, meio e fim. Estimula a atenção desde o início, mantém o interesse crescente e provoca algum tipo de reação no ouvinte.

Como utilizar? O *spot* pode ser usado várias vezes durante a programação da emissora ou várias vezes durante o programa, em um período máximo de um mês.

Modelo de spot radiofônico

JOANA - Mamãe, meu irmão me bateu!

MÃE - Não se preocupe, Joana, ele vai mudar.

TÉCNICA - Música de passagem de tempo.

JOANA - Mamãe, meu namorado me agrediu!

MÃE - Não se preocupe, Joana, ele vai mudar.

TÉCNICA - Música de passagem de tempo.

JOANA - Mamãe, apanhei do meu marido!

MÃE - Não se preocupe, Joana, ele vai mudar.

TÉCNICA - Entra música triste.

LOCUTOR - Joana perdeu trinta anos esperando que o homem mudasse. E você, quantos anos já perdeu?

LOCUTOR - Ajude a mudar essa realidade, disque 180 e denuncie!

LOCUTOR - Uma campanha de combate à violência contra a

mulher.

LOCUTOR - Realização: nomes dos envolvidos na campanha.

LOCUTOR - Participaram deste *spot*: nome e sobrenome dos radioatores/ras e locutor/a.

2.5 Vídeo de bolso

Quando dizem que “uma imagem vale mais que mil palavras”, entendemos que o recurso visual de uma determinada informação pode valer mais que o relato do que aconteceu. Diferente do som, a imagem fala por si só.

PASSO A PASSO

1. Capture o vídeo com alguma ferramenta que esteja ao seu alcance. O material gravado ficará na memória interna ou no cartão de memória.

2. Transfira os arquivos capturados pelo cabo USB, Bluetooth, infravermelho ou pelo cartão de memória para um computador.

3. Faça uma edição simples.

4. Se for um vídeo, selecionar o trecho a ser publicado e fazer alguma alteração, se necessário.

5. Visualize e compartilhe o vídeo.

3- ROTEIROS DE APOIO

Oficina #1: Eu, comunicador/a

ATIVIDADE 1 - DINÂMICA - REPÓRTER JOVEM

Como fazer

Formar duplas. Cada dupla fará uma pequena entrevista entre si (nome, sobrenome, como gosta de ser chamado, idade, *hobbies*, desejos, medos, sonhos, planos, lugar, comida, música preferida). Ao final, cada participante terá o tempo de 5 minutos para transformar os dados que recebeu do colega em informação para o grupo. A mediação pede que usem a criatividade (ilustração, texto literário - poesia, cordel, poema, soneto, outros; paródia/música; interpretação).

Conteúdo de apoio: criatividade.

Material pedagógico: papel e caneta.

ATIVIDADE 2 - MURAL DE EXPECTATIVAS E ACORDOS DE CONVIVÊNCIA

Como fazer

Mural de expectativas e acordos do grupo sobre o curso/formação. A mediação fará uma introdução sobre a proposta da formação e solicitar que os participantes tragam suas expectativas sobre a mesma; dividir a folha em duas partes, para que possa escrever também os “acordos” para uma boa convivência na formação, quanto a horários, organização, presença, relação com outro, metas, anseios.

Conteúdo de apoio: material de escritório.

Material pedagógico: papel madeira ou cartolina (2 unidades), pincel atômico (2 unidades) e fita para fixar na parede (1 unidade).

ATIVIDADE 3 - PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Como fazer

O ato de comunicar.

Exibição de vídeo (link abaixo).

Diálogo coletivo: o que é comunicação? As formas e meios de comunicação; a comunicação é um direito humano?

Impressões.

Conteúdo de apoio: vídeo “Processo de Comunicação”
(disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C3AmzKpJbQ>).

Material pedagógico: projetor, computador e caixa de som.

ATIVIDADE 4 – COMUNICAÇÃO E DIREITOS

Como fazer: explanação sobre os direitos humanos e comunicação.

(1) Exibição do vídeo: Direitos humanos (ONU) (link abaixo).

(2) Trabalho em grupo: que meios de comunicação você conhece? Quais meios de comunicação existem na escola e comunidade? O que queremos comunicar na nossa escola e comunidade? O que e de que forma iremos comunicar na escola e comunidade?

Conteúdo de apoio: slides e vídeo “Direitos Humanos”
(disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hGKAaVoDISs>)

Material de pedagógico: tarjetas (20 unidades), pincéis atômicos (5 unidades), folhas de papel ofício (10 unidades), projetor, computador e caixa de som.

ATIVIDADE 5 - LINGUAGENS

Como fazer

Os grupos receberão informações relacionadas às linguagens e terão que traçar o perfil da linguagem quanto ao tipo, formato e características. Podem usar texto redigido e ilustrações.

O grupão será dividido em 5 subgrupos, por linguagens:

1 - Impresso; 2 - Fotografia; 3 - Rádio; 4 - Audiovisual; 5 - Digital e Alternativas.

Apresentação dos grupos e debate para definir as linguagens prioritárias (3 linguagens).

Conteúdo de apoio: cartela com as linguagens (Impresso, Fotografia, Rádio, Audiovisual, Digital e Alternativas).

Material de pedagógico: folhas de papel ofício (30 unidades).

Vídeo: “Levante sua voz”, Sobre direito à Comunicação (disponível em <http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=23550>).



Oficina #2: Juventudes e violências

ATIVIDADE 1 – TEMÁTICA: JUVENTUDE E VIOLÊNCIA

Como fazer

Tipos de violência.

Ética, moral, respeito e valores.

O que gera a violência?

Como lidar com questões de conflito?

Identificar os indicativos de violência vivenciado pelos jovens do grupo e da comunidade.

Conteúdo de apoio: imagens, recortes e notícias.

Material pedagógico: papel madeira e pincéis atômicos.

ATIVIDADE 2 - PAUTA E ENTREVISTA

Como fazer

Exposição de vídeo: como fazer uma pauta? Produzido pelo *Coletivo É NÓIS - Conteúdo Jovem*. Em seguida o grupo será convidado a produzir uma pauta com foco a temas que eles elegeram do “universo da juventude”.

Olhar sobre a pauta: técnica e construção de modelo de pauta.

Conteúdo de apoio: vídeo “Como fazer uma pauta?”, do Coletivo É NÓIS - Conteúdo Jovem (*disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-YKAgsZGQOc>*).

Material pedagógico: projetor, computador, caixa de som e papel ofício.

ATIVIDADE 3 - MURAL INFORMATIVO/JORNAL MURAL

Como fazer

Apresentação da linguagem (teoria).

O mural informativo se lê em pé, logo proporciona uma leitura concisa, possui várias imagens e os textos escolhidos possuem utilidade para a comunidade escolar. É um

veículo de comunicação que proporciona um acesso rápido ao conteúdo ali exposto.

Passo a passo (como fazer*).

DESENVOLVIMENTO

1º PASSO

Peça para que cada aluno se apresente e fale de suas experiências com o mundo da leitura. Distribua os exemplares de jornal para cada um e permita que a familiarização com o material aconteça.

2º PASSO

De preferência, apresente os seguintes elementos encontrados no jornal impresso: manchete, reportagem, notícia, charge, fotografia e legenda. Explique a função de cada um e como eles podem ser utilizados em sala de aula. Assim, tanto o professor, como o aluno passarão a ter mais familiaridade com os textos jornalísticos.

3º PASSO

De preferência, apresente os seguintes elementos encontrados no jornal impresso: manchete, reportagem, notícia, charge, fotografia e legenda. Explique a função de cada um e como eles podem ser utilizados em sala de aula. Assim, tanto o professor, como o aluno passarão a ter mais familiaridade com os textos jornalísticos.

4° PASSO

Explique que durante a atividade, eles terão que fixar na cartolina, textos que sirvam de utilidade para a escola e que podem ser divididos de acordo com os gêneros jornalísticos (charge, notícia, reportagem) ou também pode ser fixados por seção (economia, política, esporte, vida e arte).

5° PASSO

De preferência, junte duas ou mais cartolinas para que se torne verdadeiramente um mural e para que a montagem do jornal seja favorável a uma grande diversidade de textos e imagens. Cada equipe pode pensar em um nome para o jornal e não poderá esquecer de colocar o expediente no trabalho, ou seja, os nomes dos integrantes da equipe.

6° PASSO

As equipes podem deixar a criatividade fluir e se divertir durante a produção do jornal mural, colocando recados, curiosidades, montar uma parte somente para venda ou troca de produtos dos próprios alunos e ainda fazer algum tipo de homenagem para algum professor em cada edição do jornal.

FINALIZAÇÃO

Não deixe de orientar aos alunos que o jornal mural não é uma simples colagem de textos ou imagens. Afinal, é necessário uma programação visual, planejamento e uma boa divisão de tarefas para que o resultado saia conforme o combinado.

AVALIAÇÃO

Perceba o grau de envolvimento dos alunos durante a atividade e peça para que no final da produção, eles falem da experiência que tiveram de produzir o jornal mural.

Conteúdo de apoio: projetor, computador, caixa de som.

Material pedagógico: Exemplares de jornal, tesoura, cola, cartolina, canetas coloridas.



#FICADICA

Vídeo: "Identidade Parcelada - Juventude periférica, consumo e identidade" (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=55jWab54aFI>).

Oficina #3: Mural Informativo

ATIVIDADE 1 - REMEMÓRIA DA OFICINA

Como fazer

Pedir aos participantes que façam um breve relato dos processos anteriores que trouxeram elementos para facilitar na produção do mural informativo/jornal mural.

Conteúdo de apoio: registros fotográficos, vídeos e desenhos.

Material pedagógico: tarjetas, cartolina e desenhos.

ATIVIDADE 2 - EXPOSIÇÃO DO MURAL INFORMATIVO NA ESCOLA

Como fazer

A turma e a gestão da escola irão escolher um espaço de boa circulação na escola para exposição do mural informativo. Fazer o lançamento na hora do intervalo ou final do turno escolar. A fixação pode ser com fita adesiva ou percevejos no flanelógrafo.

Conteúdo de apoio: mural informativo.

Material pedagógico: fita adesiva, percevejos e painel.



#FICADICA

Vídeo: “Direitos Humanos” (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hGKAaVoDISs>).

Oficina #4: Ser Jovem

ATIVIDADE 1 – SOLTA O SOM

Como fazer

Distribuir a letra e ouvir a música “Não é sério”, de Charlie Brown Jr. e em seguida, exibir o videoclipe da música. Ao final, abrir para comentários para sentir de cada um,

como a música (letra, melodia, batida, intérprete) impactou-os. Observação: esta atividade será base para a próxima.

Conteúdo de apoio: música “Não é sério”, de Charlie Brown Jr. (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wHUCmMnB5o>).

Material pedagógico: som ou caixa de som, projetor e computador.

ATIVIDADE 2 - O QUE É SER JOVEM?

Como fazer

Cada participante receberá três tarjetas com cores diferentes e tamanhos variados. Escrever em cada tarjeta a resposta correspondente a cor da pergunta: como (os/as) adolescentes/jovens se veem? Como a mídia retrata (o/a) adolescente/jovem? Como eles/elas gostariam de ser retratados/as? Em seguida, a mediação formará no centro do grupo, em formato de círculo, um mandala com as respostas.

Conteúdo de apoio: perguntas geradoras.

Material pedagógico: tarjetas (3 cores) multiplicadas pelo número de participantes.

ATIVIDADE 3 - NOTÍCIA/MATÉRIA

Como fazer

Os participantes receberão notícias de jornais e *sites* onde os jovens são personagens. A partir das reportagens, a mediação dividirá a turma para que possa apresentar argumentos “positivos” e “negativos” dos fatos. Com estes argumentos, a mediação introduzirá os elementos e a estrutura de uma notícia. E como se constrói um texto-base jornalístico (*lead*).

Conteúdo de apoio: recortes.

Material pedagógico: slide, computador, projetor e som.

ATIVIDADE 4 - DINÂMICA DE SENSIBILIZAÇÃO

Como fazer

Exibição do vídeo Eduardo Lyra (ONG Gerando Falcões). Abrir um breve diálogo sobre o vídeo e as expectativas dos/as jovens sobre futuro.

Conteúdo de apoio: vídeo Eduardo Lyra (ONG Gerando

Falcões) (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=G-8MDNfgTKcO>).

Material pedagógico: projetor, som e computador.

#FICADICA



Estatuto da Juventude, versão de bolso
(disponível em: http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0005/9412/Estatuto_de_Bolso_Web.pdf).

Oficina #5: Fanzine (Parte 1)

ATIVIDADE 1 - DINÂMICA DE SENSIBILIZAÇÃO - TEIA HUMANA

Como fazer

A mediação usará um barbante ou lã, em formato de um círculo, e vai pedir aos participantes que façam uma nova apresentação de si, mas agora reforçando suas “boas” características, expertises. Uma propaganda de si.

Conteúdo de apoio: recursos humanos.

Material pedagógico: rolo de barbante ou lã.

ATIVIDADE 2 - LINGUAGEM FANZINE

Como fazer

Apresentação da linguagem (teoria).

Exemplos de experiências.

Slides com passo a passo de produção.

Conteúdo de apoio: na internet existem vários links com dicas. Pesquise!

Material pedagógico: projetor, computador e caixa de som.

ATIVIDADE 3 - PLANEJAMENTO DO FANZINE

Como fazer

Divididos em grupos, os participantes planejarão um fanzine cada, na pré-produção, para produção de pauta, coleta de informações, conteúdos.

Conteúdo de apoio: pesquisa e modelo de pauta.

Material pedagógico: folha de pauta.



#FICADICA

Vídeo: “Sonho brasileiro - Manifesto” (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sGG4KPBMw_4).

Oficina #6: Fanzine (parte 2)

ATIVIDADE 1 - MONTAGEM DO FANZINE

Como fazer

De acordo com a divisão de trabalho e assuntos, as equipes montarão as partes do fanzine. É importante nessa etapa fazer uma revisão do texto e imagens antes da colagem. O/a professor/a pode ser um bom aliado/a nesse processo, além de verificar o espaço para cada assunto. Feita as devidas revisões, basta fazer a colagem. Aguardar a cola secar para realizar a reprodução (cópias) e distribuição na escola, comunidade, outros espaços.

Conteúdo de apoio: produção.

Material pedagógico: folha para base, cola, tesouras, textos, recortes, imagens e caneta.

ATIVIDADE 2 - REPRODUÇÃO DO FANZINE

Como fazer

A reprodução pode ser feita na própria escola, se houver equipamento e apoio da gestão. Ou os estudantes podem fazer uma cota ou rifa para ter recursos para reprodução externa. E ainda, fazer parceria com uma copiadora do bairro inserindo sua marca para divulgação no bairro.

Conteúdo de apoio: exemplos de fanzines.

Material pedagógico: copiadora.

ATIVIDADE 3 - AVALIAÇÃO DO PROCESSO E DISTRIBUIÇÃO

Como fazer

Avaliar de forma coletiva o produto final e do processo de produção para entender o que deu certo ou precisa ser corrigido para as próximas edições da produção do fanzine. O processo de distribuição pode ser feito por turma ou geral na hora do intervalo. A cada edição, a equipe de distribuição pode fazer um evento na escola para apresentar os assuntos, ou até mesmo um debate sobre um dos assuntos e ao final realizar a entrega do fanzine.

Conteúdo de apoio: perguntas geradoras.

Material pedagógico: cópias do fanzine.

ATIVIDADE 4 - PRÓXIMA OFICINA

Como fazer

Encaminhamentos e lembretes.



#FICADICA

Vídeo: “Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Comunicadores/as - Renajoc” (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-_d-aEdtAYw).

Oficina #7: Violências na Escola

ATIVIDADE 1 - DIÁLOGOS DAS JUVENTUDES

Como fazer

Vivências - chuvas de ideias.

O grupo será provocado a escrever em uma tarjeta as vivências do grupo sobre a temática, como: que tipos de violência conhecem? Foram vítimas? Promovem?

Violências nas escolas (violência verbal - xingamentos,

discriminação, racismo, relações de gênero; sexualidade etc.); agressões físicas e outras violências duras (roubos e furtos, brigas etc.).

Fechamento: exibição do vídeo Programa Conexões Periféricas - Rede Cuca Fortaleza. Assunto: negritude. Duração: 9min47s.

Conteúdo de apoio: vídeo Programa Conexões Periféricas - Rede Cuca Fortaleza. Assunto: negritude. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KxB-sIIInPKQ>.

Material pedagógico: tarjetas, pincel atômico e papel madeira/cartolina.

ATIVIDADE 2 - A LINGUAGEM RADIOFÔNICA

Como fazer

Apresentação da linguagem radiofônica por meio de slide. A oralidade, características, elementos e estrutura.

Conteúdo de apoio: história do rádio e componentes.

Material pedagógico: slides, computador, projetor e som.

ATIVIDADE 3 - EXPERIÊNCIA RÁDIO ESCOLAR

Como fazer

Exibição da experiência de Rádio Escolar de Fortaleza - Nilson Holanda, ONG Catavento.

Conteúdo de apoio: vídeo.

Material pedagógico: projetor, computador e caixa de som.

ATIVIDADE 4 - FORMATOS RADIOFÔNICOS

Como fazer

Jogo: universo radiofônico. A turma será dividida em grupos de 5 participantes. Tudo ok, podemos iniciar o jogo. Cada pergunta terá um tempo de 1min30s para que os grupos formulem as respostas. A cada pergunta e respostas, a mediação fará explicações sobre os pontos relacionados com o universo do rádio. O jogo encontra-se no anexo deste Guia.

Conteúdo de apoio: jogo universo radiofônico.

Material pedagógico: projetor e computador.

ATIVIDADE 5 - PRÓXIMA OFICINA

Como fazer

Pedir que os participantes pensem em temas e assuntos para ser pauta.



#FICADICA

Site: Agência Jovem de Notícias (disponível em: <http://www.agenciajovem.org/wp/>).

Oficina #8: Spot radiofônico

ATIVIDADE 1 - REMEMÓRIA

Como fazer

A mediação fará uma retrospectiva breve com os participantes sobre a temática do dia anterior e linguagem.

Conteúdo de apoio: imagens, registros e frases.

Material pedagógico: projetor e slides.

ATIVIDADE 2 - A ESCOLA QUE TEMOS E A ESCOLA QUE QUEREMOS

Como fazer

Exibição de vídeo introdutório.

Promover o debate: clima escolar (relações sociais entre alunos, aluno-professor, aluno-diretor etc; infraestrutura; regras de convivência).

Conteúdo de apoio: vídeo relacionado a temática.

Material pedagógico: projetor, computador e caixa de som.

ATIVIDADE 3 - SPOT RADIOFÔNICO

Como fazer

Introdução à técnica - apresentação teórica.

Estrutura do *spot* radiofônico.

Passo a passo de produção.

Conteúdo de apoio: *spots* radiofônicos com temas variados.

Material pedagógico: projetor, computador e caixa de som.

ATIVIDADE 4 - REUNIÃO DE PAUTA

Como fazer

Pré-produção: divididos em grupos, os participantes planejarão em grupos um *spot* radiofônico educativo (por grupos). Definição do tema, pesquisa, ferramentas etc. Encaminhamentos para o encontro seguinte.

Conteúdo de apoio: modelos de roteiros.

Material pedagógico: roteiros e grupos.



#FICADICA

Site: *Coletivo Brasil de Comunicação Social - Intervozes* (disponível em: www.intervozes.org.br).

Oficina #9: Spot radiofônico

ATIVIDADE 1 - FINALIZAÇÃO DO SPOT RADIOFÔNICO

Como fazer

Os grupos finalizarão o *spot* radiofônico, fazendo a revisão do texto, escolhendo a música de fundo (*background*), locutores, local de gravação e equipamentos.

Conteúdo de apoio: roteiros.

Material pedagógico: equipamento de gravação (celulares ou gravador digital).

ATIVIDADE 2 - ENSAIO E GRAVAÇÃO AO VIVO DOS SPOTS RADIOFÔNICOS

Como fazer

Cada grupo fará a gravação do *spot* radiofônico. Escolher um lugar com menor volume de barulho possível.

Conteúdo de apoio: roteiros.

Material pedagógico: celular ou gravador de voz.

ATIVIDADE 3 - AUDIÇÃO DOS SPOTS E DO PROCESSO

Como fazer

Após a gravação é importante ouvir com o grupo como

ficou o resultado final. Caso precise gravar novamente, que seja neste momento.

Conteúdo de apoio: gravações.

Material pedagógico: equipamento para reprodução.



#FICADICA

Vídeo: "Cordel do Marco Regulatório", sobre a importância de uma regulamentação que democratize as comunicações no Brasil (disponível em: <http://goo.gl/jlrdlk>).

Oficina #10: Juventudes e participação

ATIVIDADE 1 - DIÁLOGOS DAS JUVENTUDES

Como fazer

Introdução à temática.

Apresentação de experiência: vídeo Agência de Redes para a Juventude no Borel. Duração: 12min33s.

Roda de conversa com o grupo sobre as experiências e

os pontos abordados no vídeo.

Conteúdo de apoio: vídeo Agência de Redes para a Juventude no Borel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zKYrB6x-Jf4>.

Material pedagógico: computador, projetor e som.

ATIVIDADE 2 - INTRODUÇÃO À TÉCNICA FOTO VARAL

Como fazer

Introdução teórica da técnica de foto varal.

Exibição de exemplos.

Estrutura de foto varal.

Apresentação do passo a passo de produção e confecção.

Conteúdo de apoio: pesquisa, vídeos e imagens.

Material pedagógico: slides, computador, projetor e som.

ATIVIDADE 3 - PRODUÇÃO

Como fazer

Divididos em grupos, os/as estudantes produzirão uma pauta para definir o tema e o processo de produção do ensaio fotográfico. E ainda, onde e como será a captação das imagens. A pesquisa pode ser realizada na biblioteca ou na Sala de Informática.

Conteúdo de apoio: material para pesquisa sobre os temas.

Material pedagógico: folha de pauta.



#FICADICA

Site: ONG Viração

(disponível em: <http://viracao.org>).

Oficina #11: Foto varal

ATIVIDADE 1 - PRODUÇÃO E CAPTAÇÃO DAS FOTOS

Como fazer

Cada grupo fará a captação das fotos definidas na pauta.

Conteúdo de apoio: pauta.

Material pedagógico: celular ou câmera fotográfica.

ATIVIDADE 2 - MONTAGEM

Como fazer

Definir com todos/as quantas e quais fotos serão usadas na exposição. Importante que os grupos tenham a mesma quantidade de foto. Cada foto deve vir acompanhada de legenda (o que é a ação captada e o crédito de quem as fez).

Conteúdo de apoio: imagens e legendas.

Material pedagógico: imagens, cartelas, tesoura e cola, folha para base.

ATIVIDADE 3 - AVALIAÇÃO

Como fazer

Realizar com o grupo uma avaliação do processo de

produção e resultado alcançado.

Conteúdo de apoio: perguntas geradoras.

Material pedagógico: folhas de papel ofício e caneta.

ATIVIDADE 4 - EXPOSIÇÃO

Como fazer

Programar para a semana uma exposição de foto varal na escola. Orientar que o grupo busque junto à gestão da escola apoio para a realização da atividade.

Material pedagógico: barbante e cartelas com fotos.

Oficina #12: Vídeo de bolso (audiovisual) - Parte 1

ATIVIDADE 1 - A LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Como fazer

A mediação fará um diálogo e exibição de *slides* sobre audiovisual. Contar um pouco do processo histórico, técnicas e elementos de produção. E ainda, exemplos de vídeos produ-

zidos por jovens e as temáticas. Ao final, apresentar um passo a passo da produção de um audiovisual.

Conteúdo de apoio: história do audiovisual e roteiros de produção.

Material pedagógico: slides, projetor, computador e caixa de som.

ATIVIDADE 2 – PRODUÇÃO DE CURTÍSSIMA METRAGEM

Como fazer

Os participantes elaborarão, divididos em grupos, o roteiro de produção do seu curta. Importante que todos da equipe participem. O próprio grupo pode definir as funções.

Conteúdo de apoio: passo a passo como fazer um “Vídeo de bolso”.

Material pedagógico: folhas de roteiro e materiais para a produção.

ATIVIDADE 3 – PRODUÇÃO

Como fazer

As equipes realizarão captação de imagens e sons definidos no roteiro. Nem tudo que colocamos no roteiro de produção talvez aconteça. Por isso é bom estar preparado para os imprevistos. Caso não saia como planejado, reúna o grupo e reorienta todos sobre como será feito o que não saiu como pensado. Importante que elas/eles consigam produzir o máximo do roteiro, buscando de forma criativa resolver esses imprevistos.

Conteúdo de apoio: roteiros.

Material pedagógico: equipamentos (celular, câmera).



#FICADICA

*Coletivo Mídia Ninja (disponível em:
<http://midianinja.org/>).*

Oficina #13: Vídeo de bolso (audiovisual) - Parte 2

ATIVIDADE 1 - PÓS-PRODUÇÃO DE AUDIOVISUAL

Como fazer

Fazer a edição, finalização do material produzido. Existem programas gratuitos na internet para a edição. Geralmente os computadores com o sistema Windows trazem o programa de edição Movie Maker.

Conteúdo de apoio: programas de edição.

Material pedagógico: computador para edição.

ATIVIDADE 2 - EXIBIÇÃO DOS CURTAS

Como fazer

Realizar uma sessão Cine Pipoca para exibição dos vídeos. Pode-se pensar em um outro momento fazer uma grande exibição para toda a escola.

Conteúdo de apoio: vídeos.

Material pedagógico: projetor e caixa de som.

ATIVIDADE 3 - AVALIAÇÃO E FECHAMENTO

Como fazer

Avaliação geral do grupo em relação as peças de comu-

nicação produzidas durante o projeto e o processo de produção. Ao final, aplicar um instrumental de avaliação.

Conteúdo de apoio: peças de comunicação.

Material pedagógico: instrumental.



#FICADICA

Revista Viração (disponível em:

<https://issuu.com/viracao>).

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, M. (Coord.) et al. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?** Brasília: MEC, Flacso-Brasil, OEI, 2015.

_____. **Documentos de referência.** Programa de Prevenção à Violência nas Escolas. Brasília: Flacso-Brasil, 2015. Disponível em: <<http://flacso.org.br/?publication=programa-de-prevencao-a-violencia-nas-escolas-documentos-de-referencia>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

_____. **Violências nas escolas.** Programa de Prevenção à Violência nas Escolas. Brasília: Flacso-Brasil, 2015. Disponível em: <<http://flacso.org.br/?publication=violencias-nas-escolas-programa-de-prevencao-a-violencia-nas-escolas>>. Acesso em: 02 mar. de 2018.

_____ et al. **Escolas inovadoras: Experiências bem-sucedidas em escolas Públicas.** Brasília: UNESCO, 2003.

_____; GIL ESTEVES, L. C. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; RIBEIRO ANDRADE, Eliane; GIL ESTEVES, Luiz Carlos (Org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2007.

_____. (Coord.). **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Brasília: Flacso-Brasil, OEI, MEC, 2012.

ASSUMPÇÃO, Zeneida A. **Radioescola: uma proposta para o ensino de primeiro grau**. São Paulo: Annablume, 1999.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente (1990)**. Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990; Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

_____. **Estatuto da juventude (2013)**. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, e legislação correlata. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

CARRANO, P. C. R. **Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares**. *Perspectiva (UFSC)*, v. 35, p. 395-421, 2017.

_____. **Juventude e participação no Brasil: interdições e possibilidades**. *Democracia Viva*, n.30, p. 3-5, 2006. Disponível em: <<http://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/311>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

CASTRO, M.; ABRAMOVAY, M. **Ser Jovem Hoje, no Brasil: Desafios e Possibilidades**. Programa de Prevenção à Violência nas Escolas. Brasília: Flacso-Brasil, 2015. Disponível em: <<http://flacso.org.br/files/2015/08/Ser-Jovem-Hoje-no-Brasil.pdf>>. Acesso em:

28 mar. 2018.

CERQUEIRA, L. **Guia do Diagnóstico Participativo**. Brasília: Flacso-Brasil, 2015.

CHARLOT, B. **Violência na Escola: o que a escola pode fazer e como?** In: **Seminário Juventudes, Escolas e Práticas Culturais**. Teresina: Palestra proferida, 13/04/2007.

CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimentos**. São Paulo: Paulinas, 2011.

COLEÇÃO PASTORAL DA COMUNICAÇÃO. **Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC). Rádio: a arte de falar e ouvir**. São Paulo: Paulinas, 2003.

CORREIA, V. (Coord.). **Guia Mais Educomunicação: orientações, conceitos e metodologias para subsidiar as ações**. São Paulo: Viração Educomunicação/Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Comunicadores, 2014. 45 p.

DAYRELL, J. **A Escola faz as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DÍAZ-AGUADO, M. J. **Convivencia escolar & Prevención de la Violencia**. Madri: Ministerio de Educación Instituto de Tecnolo-

gías Educativas, s.d. Disponível em: <http://www.aulaviolenciadegeneroenlocal.es/consejosescolares/archivos/Convivencia_escolar_y_prevenccion_de_violencia.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2017.

GARCÍA, H.; GARCÍA, A.; DELGADO, S. **Convivência escolar:** aplicación de um modelo de mejora del clima social. REIFOP.12 (1), 2009. Disponível em: <<http://www.anfop.com>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

LIBÓRIO, R. M. C.; CASTRO, B. M. Juventude e sexualidade: educação afetivo-sexual na perspectiva dos estudos da resiliência. In: LIBÓRIO, R. M. C.; KOLLER, S. H. (Org.). **Adolescência e juventude:** risco e proteção na realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 185-217.

MELUCCI, A. **A invenção do presente:** movimentos sociais nas sociedades Complexas. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **O jogo do eu:** A mudança de si em uma sociedade global. Tradução de Adriano Marinho et al. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

UNESCO. **Conferência Internacional sobre a Juventude.** Grénoble: UNESCO, 1964.

VIGIL, J. I. L. **Manual urgente para radialistas apaixonados.** São Paulo: Paulinas, 2003.

